

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón,  
Milão, 21 de Outubro de 2015**

*Textos de referência: D. Prosperi - J. Carrón, «Ri-se-te nos olhos a estranheza dum céu que não é teu», Página Um, Tracce Outubro 2015*

- *The things that I see*
- *E se domani*

*Gloria*

*Veni Sancte Spiritus*

Começamos retomando a Jornada de início de ano. Início lendo uma carta escrita por uma pessoa a um amigo (o qual depois me enviou a mim), porque a considero importante do ponto de vista do método, sobre o que significa trabalhar sobre a Jornada de início de ano, porque uma graça é dada a um para todos. «Num jantar com algumas pessoas sobre problemas do nosso trabalho, sendo todos do Movimento, debatem-se também questões celinas e naquela ocasião o tema era a Jornada de Início de Ano que tinha sido alguns dias antes. Como sabes, há já quase vinte anos que já não participo em qualquer actividade do movimento; ainda que seja – podemos dizer – simpatizante, não consigo fazer melhor.

Naquela noite, pouco antes do jantar, imprimir o texto a partir do site. Não o tinha lido mas estava fortemente interessado e curioso em conhecer pelos participantes no jantar qual era a indicação que o Movimento entendera dar para este ano, até porque, para ser sincero, se tivesse tido oportunidade ou se alguém me tivesse convidado provavelmente teria ido à Jornada de início de ano. A discussão foi rica em citações e explicações de alguns conceitos evocados por Carrón. Não faltaram, como é hábito, os raciocínios mais ou menos doutos sobre as diferenças de construção sistemática entre Giussani e Carrón, do tipo: “Mas isto Gius tê-lo-ia dito de outro modo”, “Giussani neste outro contexto teria dito assim”, “Muito belo este ponto”, “Muito belo também este outro”, “É mesmo verdade quando diz...”; tudo coisas que são certamente correctas do ponto de vista teológico e até intelectualmente profundas, mas que não satisfizeram a minha curiosidade.

Dizia-me enquanto escutava: mas porque é que deverei recomeçar a interessar-me? Porque é que desde há vinte anos não cesso, definitivamente, de me interrogar se vale a pena deixar-me ainda implicar numa experiência que me mudou a vida e à qual dei tudo de mim há tantos anos? Porque é que deverei aderir de novo? Só para poder dizer também eu a minha opinião nestas discussões sem interesse nenhum? Cheguei a casa noite avançada, desiludido. Permite-me uma citação temerária do Evangelho dos discípulos de Emaús: «Nós esperávamos que fosse Ele, em vez disso...». Também eu esperava que naquele jantar pudesse acontecer qualquer coisa para mim. A seguir pus-me a ler com atenção os apontamentos que tinha descarregado, não queria acreditar que pudesse terminar assim: e fiquei literalmente fulminado!

Li e reli a intervenção de Carrón e quanto mais lia aquelas palavras, mais me comoviam. Estava verdadeiramente a falar-me a mim, à minha situação de insistente resistência àquela atractividade de beleza que no entanto me tinha dominado há anos e que quase não esperava ser ainda possível para mim. Não quero correr o risco de repetir ou interpretar a Jornada de início de ano, mas imprevisadamente comecei finalmente a ver, como o cego de nascença. Percebi e vi como no fundo é simples, é feita para mim e já não posso negar esta atrativa. É simples. Porque como é dito a certo ponto: não se «pode pensar [...] que o método imaginado por nós pode ser mais incidente do que aquele escolhido por Deus [...]. Não podemos [...] recuperar, com o nosso fazer, o que perdemos na vida. Esta, portanto, é a nossa responsabilidade: não resistir ao método de Deus.» (pág. 14). É simples, não é preciso inventar nada. É o método de Deus, ponto. Mais do que as discussões sobre Carrón e Giussani e a correcção da interpretação autêntica do carisma etcetera, etcetera! Está tudo dito na Jornada de início de ano; não sou talvez capaz de redizê-lo e explicá-lo, basta lê-lo, mas é

tudo claro e simples. Como o cego de nascença posso dizer: “Eu só sei uma coisa: antes não via e agora vejo”.

Penso que, se me permites, uma síntese afortunada de toda a Jornada de Início de Ano possa ser aquela belíssima frase conclusiva do livro de Gius *Decisão para a existência* que tenho indelevelmente gravada na memória desde os primeiros dias, há quarenta nos, quando aquela atractiva me agarrou: “O caminho do Senhor é simples como o de João e André, de Simão e Filipe, que começaram por ir atrás de Cristo: por curiosidade e desejo. Não há outro caminho, no fundo, que não seja esta curiosidade desejosa despertada pelo pressentimento do verdadeiro” [agora em L. Giussani *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo, Brasil, 1996, p. 151]». Parece-me que esta carta põe uma questão fundamental de método a cada um de nós, ao modo como trabalha - agora sobre este texto, amanhã será *Reconhecer Cristo*, depois de amanhã *Porquê a Igreja* – e se coloca perante as coisas. Aquilo que nos dissemos na Jornada de início de ano, sobre o qual *don* Giussani insiste, é o primado absoluto do acontecimento da fé. E isto, ninguém, parece-me, ousará pôr em discussão, porque não estaria aqui, não seria leal com a experiência inicial pela qual está aqui. Mas depois, uma vez isto acontecido, podemos mudar o método, como se a seguir não fosse preciso o acontecimento para, nas contendas da nossa participação, redespertar de novo toda a atractiva. A desilusão (testemunhada pela carta) nasce porque se muda o método, porque se resiste ao método. Parece-me fundamental que olhemos para isto, porque é uma correcção fundamental que *don* Giussani nos faz indicando a natureza do cristianismo. Sem isto, nós podemos fazer todos os comentários, mas quem nos escuta não pode não voltar para casa desiludido: «Eu esperava...». Não basta que nós digamos: «É assim. Não é assim.» Podemos discutir horas, mas aquilo que não decidimos nós é que coisa agarra o outro, que coisa está à altura de corresponder à espera do outro. Acontece quando acontece. O acontecimento – sabemos-lo, não? – acontece como conta o nosso amigo da carta e cada um dos participantes naquele jantar decepcionante pode dizê-lo de outras ocasiões da vida. Porque «se o acontecimento da fé [...] é dado por óbvio e tudo se reduz só a explicações ou a dialéctica [...] que interesse poderá ainda despertar em nós?» já tínhamos dito na Jornada de início do ano. «Não será capaz de nos prender nem mesmo por um minuto. Porque nenhuma das nossas tentativas pode produzir a novidade humana através da qual Cristo nos fascina e nos faz interessarmo-nos por Ele. (Pág. 7) Como aconteceu a Abraão: não teria podido produzir por um só instante aquela novidade que entrou na sua vida. Por isso parece-me que este contributo nos oferece uma sugestão, uma confirmação da estrada.

Olá.

Olá. O que é que tu fazes na vida?

*Eu sou músico. A pergunta é sobre o exemplo do palhaço e da aldeia de Kierkegaard que depois de ter falado até no grupo de Escola de Comunidade, ainda não me é completamente claro. Ou melhor, o exemplo em si é claro, mas não percebo a sua dimensão no contexto do primeiro ponto da tua lição («As circunstâncias e a forma do testemunho»). Além do exemplo, cito duas frases tuas: «E para não parecer também ele [don Giussani] um palhaço, imediatamente tentou mostrar a pertinência da fé às exigências da vida». Ou «Ele [continua a ser don Giussani], que conhecia muito bem a doutrina católica teve de se interrogar sobre a modalidade mais adequada para comunicar a verdade, a verdade de sempre, num contexto que estava a mudar rapidamente» (pp. 5). Portanto, depois desta passagem, eu resumi o desafio assim: como ou com que estratégia posso testemunhar a verdade do cristianismo sem acabar a fazer figura de palhaço? Mas eu acho que não é só isso que está em jogo, certo?*

Pois.

*E de facto, pensava na vida de tantos santos, como por exemplo S. Paulo. Quando fala diante do Areópago de Atenas, os Atos dos Apóstolos reportam: «Quando ouviram falar de ressurreição dos mortos, alguns escarneciam dele [mesmo verbo], enquanto outros diziam: “sobre isto podemos ouvir-te falar outra vez”» (Act 17, 32). Por isso diria que de alguma maneira até Paulo fez figura de palhaço. E no entanto, o texto continua a dizer: «Alguns juntaram-se a ele e tornaram-se*

*crentes». E o próprio Jesus fez a mesma figura, ou talvez pior, quando nos Evangelhos lemos: «Despiram-no e envolveram-no num manto escarlate. Teceram uma coroa de espinhos e puseram-lha na cabeça e uma cana na mão direita. Dobrando o joelho diante dele, escarneciam-no [outra vez] dizendo: “Salvé! Rei dos Judeus!”». Mas ele cortou a direita e salvou o mundo na mesma. Portanto, parece quase inevitável esta figura de palhaço. Então, porquê este acentuar a figura do palhaço?*

Para ti porque é que Giussani insiste que as circunstâncias são decisivas para o definir-se do nosso testemunho? Atenção para não nos confundirmos. Os exemplos do Novo Testamento que tu deste indicam um aspeto muito verdadeiro, que é sempre possível recusar a verdade como tal. Entrando em relação com S. Paulo, com Jesus, contigo ou comigo as pessoas podem sempre aderir ou não. Mas eu – eu – antes de chegar aí devo perguntar-me se a modalidade com que digo a verdade é adequada ou não às pessoas, como fazia Giussani. Quando encontraram Giussani muitos dos que tinham recebido a pregação da Igreja já a tinham descartado. Dizem-no eles próprios e di-lo *don* Giussani. Quando foi para o Berchet muitos dos estudantes eram filhos de pais cristãos, já tinham de alguma maneira participado na vida da Igreja e tinham renunciado a ela. Então, porque é que, depois, se sentiram chamados de novo pela modalidade com que *don* Giussani testemunhou a fé? Porque perceberam que este testemunho era mais pertinente para responder às exigências da sua vida. Eles já tinham recebido o anúncio cristão, mas já não o sentiam como pertinente à vida. Por isso *don* Giussani insiste que nem todas as modalidades de testemunho são igualmente pertinentes. Porquê? Porque a fé decai numa circunstância histórica real. E todo o esforço do Concílio Vaticano II não foi para mudar a doutrina, mas para procurar uma modalidade mais adequada para a comunicar num contexto histórico-cultural mudado. Percebem? Isto não quer dizer que até diante do testemunho mais verdadeiro (como os que citaste de S. Paulo e Jesus), uma pessoa não possa dizer que não, era o que mais faltava, qualquer desafio da verdade pode ser recusado, porque é dirigido à razão e à liberdade da pessoa. Mas antes de culpar os outros, porque a recusam, eu pergunto-me tantas vezes se a modalidade com que o anunciei a outro foi a mais adequada. Quero estar certo que a recusam não porque a modalidade do meu testemunho tenha sido desadequada, mas que a recusam enquanto tal, por uma escolha da liberdade.

*Mas o risco neste caso não é o de medir-se sobre o sucesso do anúncio?*

Não é um problema de medida. É uma paixão pelo outro. Um pai não procura comunicar a verdade ao filho da maneira persuasiva? Ou então, pensa em ti: quando ensinas música, não gostavas de fazê-lo de maneira a acender nos teus estudantes a paixão pela música? Quantas pessoas conheces que recusam a música porque foram introduzidas a ela de forma evidentemente inadequada? Sabes perfeitamente. Este é o problema e é um problema real. Uma coisa diferente é que apesar de encontrares pela frente o melhor professor de música, tu a possas recusar ainda assim. A liberdade última do outro não está em causa. Mas isto não te tira o desejo de melhorar e de verificar continuamente a modalidade da tua comunicação para despertar a paixão nos teus estudantes, sim ou não?

*Sim. Obrigada.*

E isto toda a gente percebe.

*Sou enfermeira. Há algumas semanas, antes do Início do Ano, atravessei alguns dias de trabalho em que constantemente me invadia o coração uma pergunta de significado sobre o meu tempo no serviço, que exige cada vez mais espaço à minha vida. Nalguns momentos, no entanto, esta pergunta transformava-se numa dúvida: mas será o lugar certo? Ou: mas estarei verdadeiramente a construir alguma coisa? Uma manhã, a minha chefe de serviço chama-me ao gabinete para discutir uma proposta de estudo, e antes de sair do gabinete para-me e diz-me: "Espera, quero dizer-te uma coisa importante". Eu, na minha estupidez, pensei: vais ver que me apanhou...*

*Alguma tinhas feito!*

*Exato. E, pelo contrário, olha para mim e diz-me: "Eu observei-te muito nestes meses de início de trabalho e dei-me conta de uma coisa: quando tu estás no trabalho gera-se um clima diferente,*

*trabalha-se em conjunto. Cada um, desde a senhora que limpa os quartos à colega enfermeira, ao cirurgião, tem desejo de ser arrastado pela tua febre de vida. E isto sem que tu faças ou digas alguma coisa de especial, até porque foste a última a chegar e ainda tens certamente tudo a aprender. Mas aquilo que faltou sempre dolorosamente neste lugar foi o trabalho de equipa; todos ótimos e preparados, mas muitas vezes incapazes de acolher o outro. Tu és o presente que tanto esperávamos". Eu estava sem palavras. Naquele momento, entra um médico para me pedir que fizesse uma transfusão, e num segundo dou por mim de novo arrastada pela vida no serviço. No ímpeto dei por mim a pensar: "esta é a medida com que Tu me olhas, não a medida com que me olharia eu, mas a medida com que Tu me olhas e eu dou por mim espantada, tanto quanto a minha chefe de serviço, com o que Tu fazes da minha vida. E, no entanto, não basta, queria amar mais esta mulher, queria amar mais os meus colegas, queria amar mais este lugar. Quanto mais a vida é sinal que a relação com Ele é infinita, mais O encontro de novo diante dos olhos, e mais O quero de novo e cada vez mais. O testemunho deve coincidir com este espanto diante d'Ele e a necessidade de estar mais uma vez e cada vez mais junto com Ele, exatamente como descrevias no Início de Ano quando falavas dos apóstolos: não é um fazer, nem as palavras certas, mas deixar-se arrastar por este espanto. Porque vejo que é isto que me está a fazer gerar, lá onde estou.*

Não é que não deves fazer o teu trabalho, porque é exatamente a modalidade com que o fazes que espanta. O testemunho não é "não fazer", mas "fazer de maneira diferente" as coisas do costume, com a novidade que o olhar para Ele introduz na vida. E então as pessoas reconhecem porque, como dizíamos antes, não te percebem como um palhaço, mas como o presente que muito esperavam: encontrar uma pessoa que, vivendo assim – porque só tu é que sabes qual é a origem da novidade que trazes contigo – é para todos. É esta a modalidade do testemunho: uma presença pertinente às exigências que os outros vivem.

*Eu ficar-te-ia muito grata se pudéssemos aprofundar a questão que as circunstâncias são factor essencial, fundamental da própria vocação pessoal, porque não consigo tirar isto da cabeça. Preciso de perceber o que quer dizer que as circunstâncias, em particular as que te ferem mais, são preciosas porque através delas o Mistério nos chama a Si. Mais que uma necessidade de o perceber, é uma necessidade de o poder aceitar.*

Antes de mais: de o poder olhar. Antes de qualquer coisa, as circunstâncias acontecem, são a modalidade através da qual o Mistério te chama a responder. Feias ou bonitas que sejam, as circunstâncias chamam-nos. Por isso, *don* Giussani introduziu-nos sempre à vida dizendo que a vida é vocação, a vida é o chamamento que o Mistério nos faz através das circunstâncias. Por isso, elas são fator essencial da modalidade com que somos chamados. Não é que Deus te dá certas circunstâncias e depois chama-te para outro lado; chama-te através das circunstâncias que te põe diante. E quais são as circunstâncias mais simples, mais claras? As que são inevitáveis, porque, não as tendo escolhido tu, podes estar certa que te foram dadas pelo Mistério. O Mistério não te prepara antes para um acontecimento e depois dá-to: permite a doença, por exemplo, e depois dá todo o tempo para lhe perceber o significado. Chama-te. De outra forma, nunca o descobriríamos, porque ninguém entra nestas coisas com a imaginação, entra nelas porque a vida o chama a vivê-las. E assim uma pessoa pode perceber, se aceitar reconhecer as circunstâncias como o chamamento de um Outro, não uma série de fatores, no fundo sem rosto, mas sim que por detrás da realidade – e esta é a primeira questão – está o rosto bom do Mistério que te chama. Ainda não sabes ao que é que te poderá levar, pode parecer-te aparentemente "contra", podes não conseguir perceber; mas, por aquilo que te aconteceu na vida, tu não podes evitar, ao viver aquelas circunstâncias, reconhecer a Presença que tas dá. E isto abre "processos novos", como diz o Papa, abre o caminho. A fé não te poupa a relação com a realidade, a fé dá-te a companhia de Cristo presente na companhia da Igreja para te ajudar a perceber o significado daquilo que vives. É crucial. Neste caso, o que é que significa para ti? Que quanto mais as circunstâncias te ferem, mais te sentes desproporcionada e mais és interpelada a reconhecer o Mistério que tas dá e que te consente vivê-las de um modo humano. Quem poderia viver, como tu dizes as feridas mais profundas sem a companhia de um

Outro? E como é que descobres isto? Através das circunstâncias, porque é quando a vida te encosta à parede que tens a possibilidade – nada é mecânico – de te abrires ao Mistério que se faz conhecer também através disto. Através de um Tu.

*Como te tinha escrito, se existe uma coisa que não suporto, que me põe doente, é ouvir uma música escrita por um homem ou mulher transportadas para um significado “mais alto”.*

Não, não, não! Quero explicar isto muito bem: não são transportadas para uma outra coisa. Eu escolho-as para serem cantadas para explicar – depois continuas a tua intervenção – que já ao nível elementar da vida temos a percepção clara e nítida que a presença de um tu (minúsculo) não é qualquer coisa que estraga a autonomia do eu, mas que o torna mais ele mesmo. Isto, sabemos-lo logo ao nível elementar da experiência humana, bem antes de Deus se tornar um Tu encontrável. Não escolho cantar *La mente torna* para pensarem imediatamente a Cristo. Não. Escolho cantar *La mente torna* para que pensem primeiramente naquilo que cantamos. Porque vivemos com uma mentalidade na qual a pessoa está fechada em si mesma, é concebida individualisticamente com autonomia total, sem ligações. Porém é necessário começar a ver que na experiência comum todos reconhecem que “*não sou quando não estás aqui*”. E se isto sucede já na experiência comum, imagina quando o problema da vida começa a crescer, quando a urgência se torna mais premente.

*Ou seja a Jornada de Início de Ano começa com uma canção assim, e também esta noite...*

Também esta noite: era para ti!

*E então reajo imediatamente com desconforto e penso: que a fascinante experiência de Battisti e Mogol, que escrevem estas coisas para uma mulher, esta é uma experiência concreta, real, desejável. E, porém pensar num Tu com maiúscula parece-me um “menos”. Depois a Jornada de Início de Ano continuou, e eu afastei muito rapidamente este desconforto, ouvi, estava com amigas minhas, e fiquei interessada por tantas coisas que disseste, por isso correu tudo bem e estava bastante contente. Depois com a Escola de Comunidade, comecei a trabalhar, a olhar para o texto, e voltei a ter aquele desconforto e pensei: porque é que um Tu me parece um “menos”? Senti-me um pouco, para retomar o exemplo do palhaço, palhaça de mim mesma, como se a minha experiência de fé não fosse credível (nem para mim!). Esta é a minha pergunta. A primeira resposta que me lembrei é um provérbio bastante estúpido, que nem se quer diz exactamente aquilo que quero dizer, porém veio-me à cabeça: mais vale um ovo hoje, que uma galinha amanhã. Apesar de não ser exactamente o que penso, esta questão do hoje e do amanhã fez-me pensar imediatamente que de qualquer forma para mim o Tu não é uma presença hoje.*

Este reconhecimento é já um passo. A primeira questão é deixar aberto este desconforto e começar, como fizeste hoje, a ter a liberdade de olhar para ele. E se continuares a deixar aberta esta pergunta, sem a esconder, estaremos para ver que coisa descobrirás. Porque quanto mais temos uma pergunta, mais temos facilidade em interceptar a resposta. Dou-te uma sugestão: começa a rever a tua vida, a rever quantas vezes fizeste experiência de um tu que abriu caminho para um Tu. Porque nós vemos nos Evangelhos que muitas vezes o encontro com Jesus abria as pessoas para uma outra coisa. Viam um milagre e diziam: “Estamos gratos que Deus...”. Mas porque é que pensam em Deus se encontraram apenas um tu humano? Existem momentos na vida em que aquele tu traz alguma coisa de tão sobreabundante que não o remetes para o futuro, está de tal modo presente na experiência que fazes, que tens facilidade em reconhecê-lo. E é disto que tantas vezes não nos damos conta. Porquê? Porque damos tudo por adquirido. Muitas das coisas que nos contamos todos os dias – por exemplo como acabamos de ouvir, o espanto dos colegas devido a uma presença diferente no trabalho – ilustram uma sobreabundância que os outros vêem, talvez não consigam imediatamente reconhecer o Tu, mas não podem deixar de reconhecer uma diversidade, que é o sinal deste Tu. Como é que o Mistério se pode mostrar, num modo que possa ser reconhecível na experiência presente sem serem necessários saltos mortais? Através da sobreabundância que surge numa experiência humana. Mas, muitas vezes, nós fazemos uma redução logo que ouvimos estas coisas. E por isso, depois quando nos encontramos diante de uma afirmação como aquela do Tu, com maiúscula, parece-nos, como diz Giussani, um conto de fadas. Por isso citei a frase dele “Quando a

pessoa se levanta de manhã, quando experimenta dificuldades ou desilusões, ansiedades ou contratempos, a imagem de um Outro (com maiúscula) que acompanha (a vida) (...), que desce até ela (assim como é) para restituí-la a si mesma, é como um sonho” (*Em busca do rosto do homem*, op, cit, pag 32). Assim reconhecer o desconforto é o primeiro passo, porque este é o problema da fé, como disseste. E esta é a grande questão pela qual estamos juntos: para nos ajudarmos a reconhecer este Tu. Que é a mesma coisa que exprime uma outra pergunta que muitos me fizeram: o que é que educa a memória? Como me dizia uma universitária há umas semanas atrás: “Tive que me deter e olhar para o que estava a acontecer”, parece-me uma expressão leiga daquilo que estamos habituados a identificar (muitas vezes guardando-a como um “já sei”) com a palavra “memória”. Deter-se para olhar, bem fundo, para o que está dentro da experiência que fazemos, para as relações que temos, para as coisas que contamos uns aos outros como testemunho: parar e olhar, sem substituir este olhar com um pensamento abstracto. Não. Olhar para aquilo que está a acontecer, como dizia a primeira carta que li esta noite: antes não via e agora vejo. Assim começo a ver aquele que está, não o devo inventar, nem fazer o triplo salto mortal para pensa-lo. Está! Mas escapa-me tantas vezes. Por isto é necessário o trabalho de memória: parar e olhar. É este o trabalho de memória: parar e olhar. Pergunto-vos: quanto tempo dão a este trabalho? Impressionam-se ao parar e olhar? Sem este trabalho tudo desaparece, as coisas que nos são ditas não aumentam a consciência da certeza deste Tu. E quando chega o momento da prova, constatamos que qualquer outra coisa nos parece mais concreta do que este Tu. Mas eu desafio-vos a verificar se é isto é verdade, se qualquer outra coisa é mais concreta do que este Tu! Pensem nos discípulos: alguma outra coisa da experiência humana normal da vida era mais concreta do que aquela diversidade humana que viam quando se encontravam diante de Jesus? Mas essa mesma diversidade, não a encontramos constantemente diante de nós, entre nós, em tantas ocasiões? Ou é imaginação?

*Sou um pai de quatro filhos. A última, de quatro anos, chegou quando eu tinha cinquenta anos, portanto, um grande presente. Foi para nós uma surpresa que nos desorientou desde o início, que todos os dias nos pede um esforço, mas que diariamente é seguramente um dom. Num dia cansativo e cheio de várias preocupações, a pequenina pede à minha mulher para brincar com ela. A minha mulher estava ocupada a fazer outra coisa; fazendo um esforço para largar o que estava a fazer, pôs-se ao lado dela a brincar pensando nos problemas que existem sempre numa família de seis pessoas. A certa altura a pequenina diz: «Mãe, podes estar comigo com um ar mais contente?»*

Não se contentam com qualquer coisa! Vêm? Este é o ponto. Às crianças não lhes escapa nada são tudo menos bonecos sem cabeça! O seu detector dispara logo!

*A Minha mulher que até aquele momento tinha a consciência tranquila, porque apesar de tudo, conseguia ter tempo para todos e também para a mais pequena, ficou desorientada com aquela pergunta; como tu dizes, descentrou-nos e deixou-nos de boca aberta. E aquela pergunta, naquela noite, mudou-nos literalmente, no modo como estávamos com ela e como também estávamos com os outros filhos. A pequena a seu modo tinha expresso também a minha necessidade e, estou convencido, a necessidade de todos, como tu dizias. É mesmo assim: o testemunho não é sermos melhores – sobretudo quem me conhece sabe que falho sempre –, mas sermos mais felizes, ou mais alegres como diria de modo mais correcto a tradição cristã. Isto faz-me também perceber que não é uma coisa que depende do meu fazer, mas é um ser, é um dom, eu não conseguirei fazer-me mais feliz nem sequer um minuto. Nasce de uma sobreabundância, de qualquer coisa que vem antes. É um ser feliz porque se reconhece um dom. É qualquer coisa de estrutural, é aquilo que eu sou. Não é garantido pelas superestruturas que facilitam o fazer, mas que contudo não te fazem mais feliz. Como nos está a dizer nestes dias, este episódio fez-nos perceber que o testemunho nasce de uma liberdade que encontra alguma coisa de tão fascinante que nasce a vontade de sair do próprio entorpecimento, do tédio e também do sentir-se com a consciência tranquila. Nasce de um Tu que faz o próprio eu apaixonar-se, um Tu que torna fascinante o meu eu antes de mais a mim próprio.*

Obrigado. «Nasce de uma sobreabundância. É essa sobreabundância que testemunha a presença de um Outro, porque não podemos não reconhecer que não a damos nós, não é produzida por nós. É

um dom. E os outros reconhecem-no. Contava-me uma pessoa que um dos seus filhos tinha ido a uma congresso na América e mal chegou um deles disse-lhe: «Tu és do CL?». «Sim, como sabes?». «Porque vocês estão sempre alegres». As pessoas percebem logo esta diversidade, esta sobreabundância que existe não porque somos melhores, mas por uma presença que documenta o Tu através de um modo de estar no real impossível de outra forma. As pessoas que nos encontram «encontram qualquer coisa de tão fascinante que dá vontade de sair do próprio entorpecimento». É disto que nasce a moralidade. Dá vontade de meter as mãos na massa, de se empenhar nas coisas, de mudar.

*Comecei o último ano da universidade, e aos poucos estou a dar-me conta de como pode ser um ano diferente dependendo de como me ponho diante da realidade. É mesmo um período de transição. Estou a ver as minhas amigas mais queridas que se licenciam e se casam e de repente faltam no dia-a-dia as relações que antes estavam presentes. Além disso, comecei verdadeiramente a perguntar-me o que torna actuais os novos gestos em que participo quase por rotina. Fui à Jornada de Início de Ano e senti uma inveja louca dos protagonistas dos exemplos que contavas, podia ver uma excepionalidade que me fazia desejar uma simplicidade de coração igual. Iniciou-se assim um trabalho novo e contínuo sobre o texto publicado, mesmo para perceber mais a fundo esta excepionalidade que após anos de movimento me inundou novamente. Podia citar todos os pedaços que foram significativos estes dias todos, mas agarrou-me e provou-me em particular isto: «Quando complicamos a vida e sentimos a relação com a realidade como uma violência, não é [...] porque tudo seja errado ou mau. Não, não! O problema é que falta o Tu, aquele Tu que torna possível que tudo – tudo! – se torne amigo (p.X). Esta procura do Tu como ponto central esclareceu de facto o que me é pedido, desencadeando em mim o desejo de ver de modo carnal os sinais da Sua presença naquilo que existe, com quem continua na faculdade, com quem tenho á minha frente. Senti-me chamada pessoalmente ali, como se Jesus agora quisesse fazer-me caminhar ali mesmo. Nestes dias apresentaram-me uma nova caloiira que não conhecia o movimento e que tinha acabado de chegar à minha cidade. Falámos muito tempo e no fim da conversa convidé-a para a Escola de Comunidade, porque fiquei tocada pelo seu entusiasmo a fazer as coisas. No fim do gesto veio ter comigo e disse-me: «Daqui já não me quero ir embora, porque me sinto protagonista de uma história enorme». Decidiu seguir-me para todo o lado, começou comigo a caritativa e foi a primeira a inscrever-se na Escola de Comunidade, porque está grata do encontro feito. Pensando em como iniciei o ano, dou-me conta de como é verdadeiramente mais conveniente o método de Deus em vez do meu. Deixando-me levar um pouco pela Sua obra, descobri que Ele, ao contrário de mim, para responder às minhas perguntas e aos meus receios não alimenta os meus raciocínios, mas impõe a Sua grandeza através dos factos (como o encontro com esta rapariga). Através do entusiasmo desta rapariga reví o entusiasmo de começar, através dos seus olhos redescubro todos os dias a grandeza da história que encontrei e a ajuda que é à minha vida. Daqui estou a perceber cada vez mais o valor do testemunho de que tu falas. Os três pontos indicados não os vi como uma regra através dos quais se convertem as pessoas novas depois de as encontrar, mas como instrumentos através dos quais nos convertemos em primeiro lugar nós e somos continuamente perturbados. E é só por isto que é possível encontrar e deixar-se mudar pelo último a chegar.*

Obrigado. Este é o método de Deus, que nos faz encontrar uma rapariga e a no-la dá com este entusiasmo: «Já não quero ir embora daqui»: e, de repente, envolve-se com tudo. A mudança acontece nela através daquele sobressalto, daquela centelha que se acendeu nela e que a muda mais do que qualquer outra coisa. E tu ligas isto ao método de Deus. Se ao menos prestássemos atenção ao modo com Deus age! Só com as tuas forças não a terias convencido, nem que a agarrasses. Pelo contrário, o método de Deus, que nos parece muito pouco incidente, é o único que muda verdadeiramente a vida das pessoas e que gera a comunidade cristã. Como aparece nos *Actos dos Apóstolos*: entram novos membros na comunidade cristã, ou seja, nesta amizade que vivemos. Portanto, perceber o método ajuda-nos mais, porque, caso contrário, perdemos aquilo que o Mistério nos dá. Amiga, que outra coisa mais te podia dar o Mistério para começar este ano tão peculiar para ti, a não ser uma rapariga que te desafiasse assim, que se tornasse testemunha para ti?

*Há algumas semanas atrás conheci uma senhora, de idade e doente. Fui vê-la e disse-me: «Tinha mesmo vontade de te ver, de falar contigo, de te ouvir, porque eu já não penso em Deus, de vez em quando zango-me». E depois disse-me: «Sabes, eu fiz tantas coisas na vida». Então eu olhei para ela e disse-me: «Sabes, quando eu era nova tinha dentro de mim um desejo de transgressão, sobretudo ao nível da sexualidade e por isso depois ensarilhava-me, e por isso fiz tantas coisas que não eram boas, fiz também alguns abortos». Naquele momento senti-me comovida diante dela, não conseguia ir-me embora - porque o que Deus faz comigo não é ir-se embora – por isso aproximei-me, ela abriu os braços e eu abracei-a. Disse-me: «Tu és a única com quem eu me sinto livre para falar destas coisas». E acrescentou: «Como é que se faz para entrar no CL? Eu gostava de entrar. E depois tens de vir jantar comigo, preparo-te um prato de que gostes». Eu não respondi, não sabia o que dizer. Há dois dias atrás telefonou-me e disse-me: «Querias ouvir-te, senti a tua falta. Quando voltas?». Fiquei verdadeiramente comovida porque esta é a pergunta da vida à minha vida: há alguém na vida sem a qual tu não podes viver? Tanto é assim que deves perguntar: «Quando voltas?», porque, se não voltas, não é vida.*

«Quando voltas?». Está tudo ali! Toda a moralidade da pessoa é despertada por uma relação. Até mesmo uma pessoa com uma história destas “às costas” – que pensavas que não se movia nem com uma grua – pode ser movida “dentro” de um encontro que abre de novo uma estrada. Estes exemplos extremos ajudam-nos a perceber que, até mesmo em situações onde tudo desaba, onde nem sequer se sente o remorso mais elementar, se pode recomeçar o jogo. Mas como é que se recomeça o jogo? Temos que ver como é que Deus o recomeça. Porque, às vezes, tentando recomeça-lo com os nossos métodos, estragamos tudo. Por isso, na Jornada de Início de Ano falávamos do primado do Acontecimento em relação à ética; não porque queiramos descartar a ética, mas porque a ética nasce do Acontecimento. E, de facto, quando falta o Acontecimento, desaparece toda a ética. Não nos tornamos mais morais porque fazemos mais chamadas de atenção morais, é preciso que aconteça. «Quando voltas?». Ouvimo-lo esta noite em tantos exemplos: o desejo de se mover, o desejo de mudar, de onde nasce? De onde nasce em cada um de nós? Cada um deve olhar para si e ver o que é que o faz mover-se, de onde lhe vem a vontade de dar um passo diferente na vida. Porque só se acontecer esta origem é que pode nascer a moralidade, como sempre nos ensinou *don* Giussani. A moralidade nasce diante da Presença. A moralidade nasce do fascínio de se sentir abraçado assim como Zaqueu ou Mateus. Ou Pedro, que depois de ter errado, ouve a pergunta: «Tu amas-Me?». Este é um desafio em primeiro lugar para a nossa mentalidade: de onde pensamos poder partir para mudar, nós e os outros? Só se pararmos e olharmos para o modo como o Mistério faz: «Tu pensas mudar fazendo à tua maneira? Desafio-te. Não é que Eu não conheça qual é a situação do homem, não é que Eu não te conheça. Se fiz como fiz, é porque este método é a única modalidade para fazer ressurgir o eu, até das próprias cinzas».

A próxima Escola da Comunidade terá lugar na quarta-feira, 18 de Novembro, às 21H00. A partir de agora começamos a trabalhar sobre o *Reconhecer Cristo*, que é a segunda lição dos *Exercícios da Fraternidade*. Isto não quer dizer que se ponha de lado muitos exemplos que nos podem ajudar a perceber também aquele texto. Começamos pela lição de *don* Giussani porque muitas das coisas que nos dissemos na Jornada de Início de Ano têm a ver, como verão, com aquilo que ali se diz. Ajudar-nos-á a perceber com mais clareza o que nos dissemos na Jornada de Início de Ano: qual é o método de Deus e qual é a modalidade com a qual eu posso encontra-lo: a correspondência, que nos consente reconhecer a presença do Mistério. Porquê? Porque põe em movimento a totalidade do eu, porque regenera o meu eu. Porque neste momento histórico no qual vemos desmoronar-se tudo, a única coisa que não se desmorona são estes “eus” que vemos, que são o testemunho da Sua obra no meio de nós e que despertam outros. E assim a realidade começa de novo a mudar. Por isso continuamos o mesmo caminho, na mesma linha que estamos a percorrer, abordando agora o *Reconhecer Cristo*. Para a próxima vez leremos da página 63 à página 75 dos *Exercícios*.

Nos próximos meses o Livro do mês será *A beleza desarmada*. Este livro é uma tentativa de oferecer razões da experiência que estamos a viver diante de tantos desafios, como tive ocasião de dizer, por exemplo, numa entrevista à *Tg2 Mizar*, que podem ver no site do CL. A 5 de Novembro faremos a apresentação do volume em Roma. Participarão comigo o Cardeal Tauran e Luciano Violante. Coordenará Roberto Fontolan. Será possível seguir o evento em directo via streaming através do nosso site. Terá início às 18:30 (hora italiana, ndt).

Para promover ou organizar encontros públicos de apresentação do livro nas vossas cidades o ponto de referência é a associação italiana dos Centros Culturais.

Este ano a campanha TendeAVSI tem por título: “Refugiados e nós. Todos na mesma estrada”. Queremos acolher o apelo do Papa Francisco que nos convida a aceitar o desafio da história que estamos a viver e a acolher os refugiados. Vemos já o impulso de tantas pessoas e comunidades que querem tomar iniciativas. A campanha “Tende” é um instrumento e uma proposta para nos envolvermos nisto. A campanha da Avsi tenciona sustentar alguns projectos, em particular no Sudão do Sul, no Iraque, Síria, Líbano, Jordânia e em Itália. A Avsi realizou também um novo e importante serviço, que se chama Network#ProfughiEnoi. Como o tema dos refugiados é complexo e delicado, porque existem também questões jurídicas que não são da nossa competência, com esta iniciativa a Avsi propõe-se colaborar com realidades e sujeitos, que em níveis diferentes, estão já activos no nosso território nacional e enviar para estas realidades seja quem deseja perceber melhor o que está a acontecer, seja quem pede sugestões para poder ajudar de modo concreto. No site da Avsi encontram mais detalhadamente as informações desta iniciativa.

Para além das TendeAVSI, recordo que o Movimento indica de modo particular como gesto de caritativa o Banco Alimentar que este ano será no sábado 28 de Novembro.

Por último recordo-vos que está activo um endereço de email para o qual podem enviar perguntas e breves testemunhos sobre a Escola de Comunidade. Peço-vos que os mandem até Domingo antes do nosso encontro, de modo a que possa ter tempo de os ler. O endereço mail é: [sdccarron@comunioneliberazione.org](mailto:sdccarron@comunioneliberazione.org) e peço-vos que o usem só e exclusivamente para a Escola de Comunidade.

Digamos uma oração pelo Papa e pelo Sínodo da família que está a acabar.

*Veni Sancte Spiritus*